

“DECIFRA-ME OU DEVORO-TE” QUANDO APRENDER A LER “OVO” E “GLÚTEN” PASSA A SER VIDA, SAÚDE E CIDADANIA NAS CRIANÇAS COM ALERGIA ALIMENTAR E CELÍACA

“DECIPHER ME OR I WILL EAT YOU” WHEN LEARNING TO READ “EGG” AND “GLUTEN” BECOMES LIFE, HEALTH AND CITIZENSHIP IN CHILDREN WITH FOOD AND CELIAC ALLERGIES

“DECIDAME O TE DEVORITO” AL APRENDER A LEER “HUEVO” Y “GLUTEN” SE CONVIERTE EN VIDA, SALUD Y CIUDADANÍA EN NIÑOS CON ALERGIA ALIMENTARIA Y CELIACOS

Juliana Fatima Serraglio Pasini¹
Flavia Anastacio de Paula²

Resumos: Este artigo sintetiza o relato de mães professoras de filhos celíacos e alérgicos a ovo na busca incansável de ensinar-lhes a ler o mundo, o invisível, os rótulos. Retrata quando ler passa a ser um processo natural e ao mesmo tempo uma questão de sobrevivência. Ler rótulos mostrou-se mais difícil quando o que está em jogo é a vida, a saúde e a cidadania. Não apenas ler o que estava pronto, mas o oculto. Foi necessário produzir uma escrita equilibrista: cartas a professoras, escolas, receitas de substituição, escrever nas redes sociais, produzir cartilhas orientadoras, produzir escritas para uma campanha nacional de Põe no Rótulo, produzir abaixo-assinados nacionais, escrever textos para as consultas públicas da ANVISA, auxiliar na escrita de Resolução técnica, de legislação nacional e de materiais para a formação dos profissionais da saúde e da educação, e produzir literatura infantil. Uma escrita equilibrista que negociasse o que tínhamos e o que queríamos, *“malabaristicamente manejadas em meio a adversidades”*. Nosso objetivo é narrar como nossos filhos conseguiram ler o mundo e os rótulos. Pois, a legislação da rotulagem brasileira não tinha obrigação de incluir no rótulo aviso aos alérgicos até 2015. Essa conquista é fruto de uma luta coletiva de cada uma de nós contribuindo e escrevendo um pouco e em um ritual na crença de que *“Abriremos espaço à esperança equilibrista que dança nesse fim de tarde em chamas”*, pois significa apenas que a vida e todas as suas particularidades, mesmo na adversidade *“tem que continuar”*.

Palavras-chave: Alfabetização; alergia alimentar; formação de professores.

Abstract: This article summarizes the report of mothers who are teachers of celiac and egg-allergic children in their tireless quest to teach these kids how to read the world, the invisible, the labels. It portrays the moment when reading becomes a natural process and at the same time a matter of survival. Reading labels proved to be more difficult when life, health and citizenship are at stake. Not just reading what was visible, but what was hidden. It was necessary to produce an equilibrist writing: letters to teachers and schools, substitution recipes, writing on social networks, producing guidebooks, producing writings for a national campaign called “Put it on the Label”, producing national petitions, writing texts for the public consultations of ANVISA, assisting in the writing of a technical resolution, a national legislation and materials for the training of health and education professionals, as well as producing children’s literature. An equilibrist writing that negotiated what we had and what we wanted, *“jugglingly managed in*

¹ UNILA.

² UNIOESTE.

the midst of adversity”. Our goal is to narrate how our children were able to read the world and labels. Because, the Brazilian labeling legislation did not require to include on the labels a warning to allergy sufferers until 2015. This achievement is the result of a collective struggle of each one of us contributing and writing a little, in a ritual in the belief that “*We will make room for the equilibrist hope that dances in this late flaming afternoon*”, because it only means that life and all its particularities, even in adversity “*has to continue*”

Keywords: Literacy; food allergy; teacher training

Resumen: Este artículo resume el relato de madres que educan a niños celíacos y alérgicos al huevo en su incansable afán por enseñarles a leer el mundo, lo invisible, las etiquetas. Retrata cuando la lectura se convierte en un proceso natural ya la vez una cuestión de supervivencia. Leer las etiquetas resultó ser más difícil cuando están en juego la vida, la salud y la ciudadanía. No solo leer lo que estaba listo, sino lo que estaba escondido. Era necesario hacer un balance: cartas a maestros, escuelas, recetas de sustitución, escribir en redes sociales, producir guías, escribir escritos para una campaña nacional de Pónganse la Etiqueta, producir peticiones nacionales, escribir textos para las consultas públicas de la ANVISA, auxilia en la redacción de resoluciones técnicas, legislación nacional y materiales para la formación de profesionales de la salud y de la educación, y produce literatura infantil. Un acto de malabarismo que negoció lo que teníamos y lo que queríamos, “*manejado con malabares en medio de la adversidad*”. Nuestro objetivo es narrar cómo nuestros niños pudieron leer el mundo y las etiquetas. Bueno, la legislación brasileña de etiquetado no estaba obligada a incluir una advertencia para los alérgicos en la etiqueta hasta 2015. Este logro es el resultado de una lucha colectiva de cada uno de nosotros contribuyendo y escribiendo un poco, en un ritual en la creencia de que “*Nosotros dará lugar a la esperanza del Equilibrio que baila en este atardecer en llamas*”, porque sólo significa que la vida y todas sus particularidades, incluso en la adversidad, “*tiene que seguir*”.

Palabras clave: Alfabetización; alergia a la comida; formación de profesores.

Introdução

Humanos são diversos. Há humanos com a pele clara e olhos azuis que precisam se proteger do ambiente, no caso a luz solar. Há pessoas com pele escura, que embora tolerem bem o sol precisam se proteger do ambiente em outros aspectos. A diversidade humana tem um amplo espectro. Assim, há pessoas com genéticas primitivas que não se “adaptaram” para os cereais de inverno e precisam se proteger deste o ambiente glutenado. Então, a condição celíaca compõe, assim como tantas outras diferenças o espectro da diversidade humana. Há crianças com alergia alimentar a ovo, e elas estão deixando de morrer. Encontrar crianças com desordens alimentares, problemas de alergias, intolerâncias e condição celíaca está cada vez mais frequente. Para muitos se tornou uma epidemia ou uma sindemia. Entretanto, precisamos relembrar que o ambiente mudou, a alimentação mudou e nem sempre para atender as necessidades básicas ancestrais.

Documentar a fome oculta de crianças com acesso e disponibilidade de alimentos depois do advento da agricultura parecia algo contraditório, desnecessário e insensato. Por milhares de anos a percepção era que, crianças “bem alimentadas” não poderiam estar desnutridas ou passando por sérias restrições. Embora, hoje tenhamos outros modos de ver o problema.

Apesar da condição celíaca tenha sido catalogada no século I, ser diagnosticado como celíaco por dois mil anos era uma sentença de morte no mundo ocidental. Não havia cura, tratamento, controle, amenização. Após a morte de incontáveis celíacos durante séculos, foi na Segunda Guerra Mundial a partir de um processo de segregação e perda do acesso a alimentos que se consensuou o tratamento para a pessoa celíaca seria a exclusão do contato com a proteína glúten, proveniente dos

cereais de inverno: Trigo, Aveia, Cevada e Centeio (TACC). Identificado o problema no século I, o tratamento na metade do século XX, a endoscopia nos anos sessenta, e os exames marcadores para ler o soro do sangue tornaram acessíveis na última década do século. Mas, a ação pedagógica de ensinar crianças celíacas a sobreviverem ficou para o século XXI.

O diagnóstico da alergia a OVO baseia-se primeiramente de histórico em mediações de imunoglobulina E (IgE), introdução gradativa do alimento na alimentação infantil, primeiro a introdução da gema, para posterior introdução da clara. As reações são adversas e há uma grande preocupação com a segurança alimentar das crianças que apresentam esse tipo de alergia, já que o OVO está presente em muitos alimentos de forma oculta, e diferente do glúten não há obrigatoriedade de incluir nos rótulos que os alimentos “não contêm OVO”. Ler OVO nos rótulos é uma grande dificuldade, e quase inacessível dadas as múltiplas formas que este pode ser denominado.

As pessoas com alta sensibilidade ao ovo podem apresentar reações inclusive ao consumir alimentos que contém traços de ovo, ou seja, a contaminação cruzada é uma grande preocupação. Persistem as dúvidas quanto aos exames para identificação, o tratamento consiste na exclusão total no alimento, e monitoramento por meio de exames de sangue específicos para o grau apresentado pelo alérgico seja reduzido ao mínimo, para que o processo de reintrodução seja realizado. Em muitos casos a alergia a ovo é reversível, em outros perdura ao longo da vida.

Lembramos, que na diversidade biológica humana, temos alelos de genes ancestrais. “Genes, por eles mesmos, não criam doenças. Somente quando mergulhados em um ambiente nocivo, único para aquele indivíduo, a doença se desenvolve”. Assim, concordando com Jerry Bishop e Michel Waldholz (1999), ser ou estar celíaco, ser ou estar alérgico alimentar é “normal”. Não é um defeito genético, nem uma atipia, mas uma primitividade ou uma ancestralidade. Não é o gene que nos adoece, nem nos fragiliza, nem nos sensibiliza, mas, sim o ambiente inóspito e tóxico. Precisamos todo dia reafirmar que somos parte de uma história que tem a diversidade como base da evolução. Assim, na relação com o Outro a diferença pode ser compreendida. Foi preciso acolher, compreender, ressignificar e compartilhar conceitos. Aproveitarmos um questionamento e é a partir dele desenvolver o processo de investigação e discussão. Ao longo das nossas perguntas e das pessoas nas redes sociais ou elaboradas pelos familiares, professores e nossos filhos, sintetizamos nossas tentativas em ajudá-las a ler o real e a “ver” os fenômenos observáveis e a nomear a percepção sensorial, assim como ajudá-las a LER o que já estava escrito e o mundo invisível das frações de proteína.

Lemos a epígrafe do 22º COLE e choramos. “O 22º COLE deseja realizar uma reflexão acerca das Leituras Plurais que nascem das Escritas Equilibristas”. Afinal, era preciso ensinar nossos filhos a ler. Ler o mundo. Ler o invisível. Ler rótulos. A expressão “Ler é uma operação de caça” de Certeau (1990) ganhava nova abordagem. Ler rótulos mostrou-se muito mais difícil quando o que está em jogo é a vida, a saúde e a cidadania. Pois era preciso achar onde estava algo escrito que facilitava a decisão se aquele produto seria um alimento adequado ou um alimento tóxico. E não apenas ler rótulos, mas ler ambientes, ler o entorno, ler artigos científicos para entender a situação, ler bulas, ler orientações em sites. Não apenas ler o que estava pronto, mas ler o oculto.

Era necessário produzir uma escrita equilibrista: etiquetas em potes nomeando o dono daquele alimento, cartas a professoras, cartas a escolas, receitas de substituição, recados, escrever em grupos de redes sociais, produzir cartilhas orientadoras (DOLCI; CURY, 2014), produzir recomendações das associações, produzir escritas para uma campanha nacional de Põe no Rótulo, produzir abaixo-assinados nacionais, escrever textos para as consultas públicas da ANVISA, auxiliar na escrita de Resolução técnica, de legislação nacional, auxiliar na escrita de materiais para a formação dos profissionais da saúde e da educação e até produzir literatura infantil para as crianças com alergia alimentar. Uma escrita equilibrista que negociasse o que tínhamos e o que queríamos, “malabaristicamente manejadas em meio a adversidades”.

[...] o ato de estudar implica sempre o de ler, mesmo que neste não se esgote. De ler o mundo, de ler a palavra e assim ler a leitura do mundo anteriormente feita. Mas ler não é puro entretenimento nem tampouco um exercício de memorização mecânica de certos trechos do texto (FREIRE, 2001, p. 260).

Choramos ao ler *“fortalece as experiências e pesquisas com leitura e educação, em movimentos de criação nas interfaces palavra, imagem, corpo e som”* afinal, então era isso, o que fazíamos enquanto mães e pesquisadoras em educação, leitura e avaliação? Ensinar nossos filhos alérgicos a ler para sobreviver em um mundo inóspito estávamos dispostas *“a andar na corda bamba em tempos em que se pode machucar”*, afinal eles precisavam aprender que minúsculas partículas de proteína poderiam mandá-los para o hospital ou para morte. E, *“afirmamos que também se pode criar e proliferar escritas, arte e poesia”* e lembramos que:

Uma luta que permite a um ser humano parar de morrer, só pode nos trazer lições fundamentais de pedagogia, principalmente se acreditarmos que em tempos de desumanidade crescente, a educação somente tem sentido como uma prática radical de humanização, ou formação humana em seu sentido mais inteiro e profundo (CALDART, 2001, p. 210).

E precisamos narrar e contar como conseguimos e como nossos filhos têm conseguido ler o mundo e os rótulos. Pois, a legislação da rotulagem brasileira não tinha obrigação de incluir aviso aos alérgicos até 2015, e essa regulamentação que, dispõe sobre os requisitos para rotulagem obrigatória dos principais alimentos que causam alergias alimentares. (BRASIL, 2015a), foi conquista e fruto de uma luta coletiva formalizada no movimento Põe no Rótulo. A legislação anterior (BRASIL, 2003; BRASIL, 2015b) atendia apenas aos celíacos. Cada uma de nós, mães de alérgicos e celíacos, contribuindo um pouco, escrevendo um pouco, lendo um monte, em um ritual na crença de que *“Abriremos espaço à esperança equilibrista que dança nesse fim de tarde em chamas”*, pois significa apenas que a vida e todas as suas particularidades, mesmo na adversidade *“tem que continuar”*.

Percursos teórico-metodológicos

A autobiografia será o fio condutor desse texto. Narrar e descrever percursos e episódios de aprendizado de leitura de três crianças embora seja uma metodologia muito frequente e até antiga, neste texto tem um diferencial. As crianças são nossos filhos e nós as autoras fomos professoras alfabetizadoras e atualmente somos formadoras de alfabetizadoras. Nossos filhos para sobreviverem aprenderam muito cedo que ler o rótulo dos alimentos industrializados era essencial, mas não suficiente, pois precisavam também ler o mundo à busca de pequenos vestígios de proteínas de ovo e glúten era e é uma questão de vida, saúde e cidadania.

Ao mesmo tempo em que esta pesquisa autobiográfica retrata as experiências enquanto professoras alfabetizadoras, revela também a experiência de leitura e interpretação das crianças acerca do mundo letrado relacionada, sua vida cotidiana e os problemas nas escolas (PAULA, 2011).

Elaborar um texto autobiográfico também nos leva ser *“equilibristas”* para organização das histórias, relatos, experiências vividas, dada sua importância para formação de professores, mães, famílias e responsáveis por crianças alérgicas que tendem a se equilibrar e fazer malabarismos diários para garantia dos direitos humanos, da segurança alimentar, da estabilidade emocional, do lazer e da sua convivência em diferentes espaços.

Aprender a ler antes de se alfabetizar: um mundo de glúten e ovo

"O que é alimento para alguns poderá ser veneno
para outros"
(Lucretius)

A experiência enquanto professoras alfabetizadoras, nos proporcionou um olhar interdisciplinar quanto a necessidade de ler o mundo, olhar para as diferentes facetas do objeto como um ato frequente. Esse percurso, foi alicerce para que aprendêssemos a manejar as múltiplas facetas da leitura do cotidiano com crianças que apresentam uma Necessidade Alimentar Especial – NAE.

Ler o mundo neste caso passa a ser encontrar as proteínas ocultas do OVO e do GLÚTEN nos locais mais inusitados, entre eles: massinha de modelar, giz, lápis de cor, tintas guaches, alimentos em geral, incluindo temperos diversos, medicamentos, cosméticos e produtos de higiene. Ler o mundo neste caso, também é conviver com as escutas mais refratárias, com as políticas públicas inexistentes e com o lobby da indústria alimentícia de produtos processados. Ler o mundo está relacionada a conhecer as condicionantes que aferem a produção do alimento tanto no contexto macro e micro interrelacionados no processo de produção, transporte, armazenamento, fracionamento, absorção intestinal, questões respiratórias, imuno-toxidade.

A produção de alimentos isentos de glúten e de ovo necessita de uma técnica adequada que inclui: excluir a contaminação cruzada por erro do manipulador, excluir os resíduos invisíveis da proteína nos utensílios e investigar a origem da matéria prima segura.

Aprender a fazer análise de risco e saber fazer boas escolhas é necessário! Uma vez que grande parte dos alimentos prontos para comer em bares, restaurantes, escolas, hotéis e até mesmo na casa de amigos e familiares podem conter vestígios de glúten ou de ovo. Aprender a fazer boas escolhas é também aprender que na dúvida é melhor se abster. Aprender a fazer análise de risco inclui também desenvolver um olhar clínico e uma leitura sobre como os alimentos industrializados e in-natura estão estocados ou acomodados nas prateleiras.

Os alimentos industrializados embalados no Brasil necessitam trazer no rótulo a declaração de “CONTÉM GLUTEN” ou “NÃO CONTÉN GLUTEN” por força de lei em maiúsculo e em negrito e “CONTÉM OVO” ou “Pode conter traços de ovo”. Entretanto, a legislação da rotulagem escrita até o momento no Brasil contempla apenas alimentos e não outros produtos que precisam ser evitados como cosméticos, medicações, produtos de higiene, beleza e material escolar. E mesmo alimentos in-natura podem estar contaminados de glúten ou ovo, tornando-se uma essencial aprender a ler o mundo e as letras.

Glúten e ovo nem sempre vem escrito

O glúten é uma proteína vegetal. O glúten é um conjunto de proteínas encontrada no trigo (incluindo *kamut* e *espelta*), centeio, cevada e aveia, que produzem a panificação moderna com uma massa aerada que permite a contenção dos gases de carbono produzidos na fermentação. A orientação da Federação de Celíacos traz os seguintes nomes para glúten: grude, glúten, trigo, centeio, cevada, aveia, malte, proteína hidrolisada de vegetal, kibe, *espelta*, *kamut*, sêmola, semolina. Ou nos cosméticos como: *wheat*, *triticum vulgare* (trigo); *rye*, *secale cereale* (centeio); *barley*, *malt*, *hordeum vulgare* (cevada); *oat*, *avena sativa* (aveia)!

A lista demonstra que nem sempre é possível identificar a escrita do GLÚTEN. Quando se refere ao OVO o mesmo ocorre. Alergia a Ovo é uma das causas mais comuns de alergia, especialmente em crianças com menos de 5 anos de idade. As reações são medidas

principalmente por IgE e parcialmente por não-IgE ou são uma mistura dos dois tipos. A clara do OVO contém mais de 20 proteínas e glicoproteínas diferentes. Ovomucóide, ovoalbumina, conalbumina, ovotransferrina e lisozima são as mais comuns alérgenos no ovo. A alfa-livetina é indicada como o principal alérgeno da gema do ovo responsável pela síndrome dos ovos das aves. Sendo assim, temos alérgicos apenas a gema, ou a clara ou ovo total (inclui ambos).

A orientação do Caderno de Referência aos Estudantes com Necessidades Alimentares especiais traz esses possíveis termos para Ovos. Ingredientes que se deve evitar na alergia ao OVO: ovo; clara (*eggwhite*); gema (*eggyolk*); albumina; conalbumina; flavoproteína; fosvitina; globulina; grânulo; lecitina; lipoproteína de baixa densidade; lipovitelina; lisozima; livetina; maionese; merengue; ovalbumina; ovo em pó; ovoglobulina; ovomucina; ovomucóide; ovotransferrina; ovovitelina; plasma; simplesse; sólidos de ovo; vitelina (BRASIL, 2016).

Dada a diversidade de denominações que podem aparecer nos rótulos de alimentos, produtos de higiene, materiais escolares, brinquedos, ainda é uma árdua tarefa evitar a contaminação por OVO. Além disso, as manifestações estão relacionadas ao grau da alergia, e também a forma de contaminação. A contaminação por meio de alimentos pode aferir diretamente o sistema imunológico, intestino, asfixia, fechamento da glote, parada respiratória, já a contaminação cutânea pode acarretar manchar e irritações na pele.

Episódios de leitura

Nessa sessão apresentamos as múltiplas facetas do ler o mundo nas palavras dos leitores Izabel e Thomas não alfabetizados, mas letrados, visto que conhecem pelas vivências a função social de pequenos textos presentes nos rótulos e embalagens.

Episódio 1: Izabel 2 anos e meio no supermercado dentro do carrinho de compras. Olha cada embalagem me perguntando onde está escrito NÃO. Mostro a escrita em caixa alta e negrito após os ingredientes e leio “não tem glúten” e explico que “esse daqui, com essa letra que sobe desce e sobe é o N de não” e lanço o desafio se você achar um assim eu compro. Ela vai até a sessão doces, na prateleira mais baixa e tira todos os produtos, acha alguns com a inscrição e faz a birra pois quer levar todos que ela achou escrito “não contém glúten”

Episódio 2: Professora: “*Izabel, não sei se você pode tomar esse suquinho!*” Izabel, 4 anos: “*Deixa, que eu caço e acho!*” Pega a embalagem, vira dos seis lados como se fosse um cubo-mágico, acha e lê segmentando as palavras apontando com o dedo: “*Não – Contem – Glúten. Esse eu posso!*”.

Episódio 3: Thomas 3 anos: anda pelo supermercado pega um pacote de biscoite e assume uma postura de leitura: aponta o dedo para as letrinhas miúdas e diz: “*Não vai leite, não vai ovo, nem corante*”... pensa um pouquinho e continua... *Thomas pode comer!*”.

Episódio 4: Em uma tarde foi tomar café com as tias no shopping, e ao olhar a vitrine dos batos e doces, logo leu as plaquinhas com nome dos produtos à venda, eram salgados diverso e batos, logo ele verbalizou: “bato de glacê Thomas não pode, bolinho sem OVO Thomas pode, pergunta para moça?”.

Episódio 5: Thomas tem duas priminhas e sempre as visita para brincar. A dificuldade e desafios até das tias o acolherem com segurança ainda é grande. A tia inocente pega caixas de massinha para que elas possam brincar, e pergunta para o Thomas (3 anos): *Você pode brincar com essa massinha?* Ao olhar a caixa vermelha da massinha da Faber Castells o mesmo faz a leitura da caixa pelo logo da marca e pela cor da caixa afirmando que sim. Essa era a única que podia utilizar: “*A outra da caixa amarela não, pois tem OVO*”.

Nesses breves relatos tentamos ressaltar o quão cedo as crianças alérgicas aprendem a ser equilibristas e ler o mundo, os alimentos, as pessoas, os ambientes, os objetos por uma questão

vital. Já ensinam outras pessoas grandes lições de vida, ressaltando que esse ou aquele alimento ou produto não podem ser por eles manuseados ou ingeridos. As leituras de e do mundo são fundamentais, pois alicerçam e despertam na criança a vontade de ler também as letras dos rótulos, das receitas, dos livros e de do mundo a sua cercam.

Considerações finais

É inegável a emergência em debater no contexto escolar as diversas formas e possibilidades de ler o mundo e incluir de fato as crianças com necessidades alimentares especiais nas atividades que envolvem o lanche, os materiais escolares, a organização do ambiente e espaço onde são inseridas de forma segura.

Há um grande percurso a ser trilhado, principalmente ao se tratar da indústria, políticas públicas e formação de professores para atender a população de alérgicos com ações que possibilitem ler os rótulos, compreender as letras, compreender as palavras e situações que podem configurar-se em um grande risco a vida.

Concluímos que ainda temos de seguir nos equilibrando e realizando diversos malabarismos para garantir segurança alimentar, direito a cidadania e saúde não apenas para nossos pequenos, mas para todos aqueles que possuem alguma necessidade alimentar especial e tornam-se invisíveis ainda nos diferentes espaços onde a garantida de inclusão, seja social ou alimentar, deveria ser visível... nas escolas, nos lares, nos hospitais, nos parques, restaurantes, no mercado, na livraria, entre outros. Afinal, educar as crianças, alfabetizar e alimentar ainda são atos revolucionários.

Referências

BRASIL. *Lei nº 10.674/2003*: obriga a que os produtos alimentícios comercializados informem sobre a presença de glúten, como medida preventiva e de controle da doença celíaca. 2003.

BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. *Resolução ANVISA RDC nº 26/2015*: Dispõe sobre os requisitos para rotulagem obrigatória dos principais alimentos que causam alergias alimentares. Brasília: Ministério da Saúde, 2015a.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Portaria Ministério da Saúde nº 1.149, de 11 de novembro de 2015*. Aprova o Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas da Doença Celíaca. Brasília: Ministério da Saúde, 2015b.

BRASIL. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Programa Nacional de Alimentação Escolar. *Caderno de referência sobre alimentação escolar para estudantes com necessidades alimentares especiais*. Brasília: FNDE, 2016.

CALDART, Roseli. O MST e a formação dos sem-terra: o movimento social como princípio educativo. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 15, n. 43, p. 207-224, dez. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/C8CTZbGZp5t8tH7Mh8gK68y/?lang=pt&https://doi.org/10.1590/S0103-40142001000300016>. Acesso em: 10 out. 2021.

CERTEAU Michel de. *A invenção do cotidiano I*. Petrópolis: Vozes, 1990.

DOLCI, Maria Izabel; CURY, Cecília. *Cartilha da alergia alimentar*. Rio de Janeiro: Proteste; São Paulo: Pôe no Rótulo, 2014.

FREIRE, Paulo. Ensinar, aprender: leitura do mundo, leitura das palavras. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 15, n. 42, p. 259-268, ago. 2001. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142001000200013>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/QvgY7SD7XHW9gbW54RKWHcL/?lang=pt>. Acesso em: 22 fev. 2022.

BISHOP, Jerry E.; WALDHOLZ, Michael. *Genome*: the story of the most astonishing scientific adventure of our time – the attempt to map all the genes in the human body. Bloomington-EUA: iUniverse.com, 1999.

PAULA, Flávia Anastácio. *Criança celíaca indo à escola*: orientações para pais e cuidadores. Rio de Janeiro: Fenacelbra, 2011. Disponível em: http://www.fenacelbra.com.br/arquivos/livros_download/crianca_celiaca_indo_para_escola.pdf. Acesso em: 10 out. 2021.

Sobre as autoras

Juliana Fatima Serraglio Pasini. Doutora em Educação pela UNISINOS. Mestre em Educação pela UNIOESTE. Graduada em Pedagogia pela UDC. Atualmente é Professora Visitante do Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História, ILAACH, na UNILA.
E-mail: jfserraglio@gmail.com.

Flavia Anastacio de Paula. Doutora em Educação pela Unicamp. Professora Associada da Unioeste. Mestre em Educação pela Unicamp. Graduada em Pedagogia pela UFMG.
E-mail: flaviaanastaciopaula@gmail.com.